

Rússia promete redução da atividade militar em Kiev em meio a negociação

RÚSSIA X UCRÂNIA



Bombardeio russo destruiu parcialmente a sede do governo regional em Mykolaiv, no sul da Ucrânia, ontem

Novas negociações são consideradas positivas

A Ucrânia esboçou uma proposta pela qual aceitaria um status neutro para o país, durante as negociações de cessar-fogo com a Rússia ontem. As reuniões, realizadas em Istambul, na Turquia, não alcançaram solução imediata, mas foram descritas como construtivas por ambos os lados.

Após as conversas, autoridades ucranianas afirmaram que suas principais demandas incluíam garantias de segurança de Estados Unidos, Reino Unido, França, Turquia, Alemanha, Canadá, Polónia e Israel.

Queremos mecanismo internacional de garantias de segurança em que os países garantidores atuem de maneira semelhante ao artigo número 5 da Otan – disse o negociador ucraniano, David Arakhamia, referindo-se à promessa de defesa mútua da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar ocidental.

O conselheiro presidencial da Ucrânia, Mykhailo Podolyak, ressaltou que o acordo estaria sujeito a um referendo do povo ucraniano, bem como à aprovação dos países garantidores. Podolyak revelou ainda que a Ucrânia ofereceu à Rússia um período de 15 anos de negociações sobre o status da Crimeia, que Moscou anexou à força em 2014.

O negociador russo Vladimir Medinsky confirmou o recebimento das propostas, dizendo que

seriam comunicadas a Moscou, e explicou que o presidente Vladimir Putin poderia se encontrar com o colega ucraniano, Volodimir Zelensky.

– Depois de discussões significativas hoje (ontem), concordamos e propusemos uma solução, segundo a qual a reunião dos chefes de Estado é possível simultaneamente com a assinatura do tratado pelos chanceleres – acrescentou Medinsky, completando:

– Desde que o acordo seja elaborado rapidamente e o compromisso necessário seja encontrado, a possibilidade de fazer a paz estará muito mais próxima.

O vice-ministro da Defesa russo, Alexander Fomin, anunciou que a Rússia diminuirá significativamente suas atividades militares em torno de Kiev e Chernihiv, ao norte da capital, a fim de aumentar a confiança durante as negociações.

– À medida que as negociações sobre um acordo de neutralidade e o status não nuclear da Ucrânia entram em uma dimensão prática (...), foi decidido, para aumentar a confiança, reduzir radicalmente a atividade militar em relação a Kiev e Chernihiv – disse Fomin.

Autoridades ucranianas, no entanto, disseram que as declarações da Rússia sobre redução das atividades militares não eram confiáveis e que Moscou parecia estar ganhando tempo para reforçar seus ataques no leste da Ucrânia.

Os líderes de governo do Reino Unido, Estados Unidos, França, Alemanha e Itália pediram ontem às nações do Ocidente que não baixem a guarda contra a Rússia, mesmo diante da anunciada intenção de reduzir sua ofensiva contra duas cidades ucranianas.

– Veremos se vão cumprir – declarou o presidente americano Joe Biden à imprensa. – Parece haver um consenso de “vamos ver o que eles têm a oferecer” – completou.

Ataque

Ontem, um bombardeio russo destruiu parcialmente a sede do governo regional em Mykolaiv, cidade considerada estratégica no sul da Ucrânia, após vários dias de calmaria. O prédio ficou com um rombo equivalente a seis andares.

Em meio aos escombros, equipes de resgate tentavam retirar vítimas e sobreviventes do prédio. Pelo menos nove pessoas morreram e outras 28 ficaram feridas, segundo a Procuradoria-Geral da Ucrânia.

O ataque interrompeu uma relativa calma na cidade, próxima de Odessa, o maior porto ucraniano localizado no sudoeste do país, e abalou também um prédio residencial ao lado da sede do governo regional. Alguns dos moradores, vestidos de pijama ou camisola, observavam os danos enquanto conversavam.

DIÁRIOS DO
MUNDO

RODRIGO LOPES

rodrigo.lopes@zerohora.com.br
@rlopesreporter

Há sinais para otimismo

Desta vez, há sinais para algum otimismo de que Rússia e Ucrânia possam avançar nas negociações, após conversas de ontem na Turquia. O primeiro deles está no protagonismo de quem fez a abertura da rodada de diálogo, o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan. Uma alta autoridade, um chefe de Estado, só aparece em público quando há chances reais de ganho ser anunciado. Dá peso à reunião. Foi a primeira vez em quatro encontros presenciais entre negociadores ucranianos e russos – os demais foram por vídeo.

Erdogan, por mais questionável que seja (é um protoditador), reúne as qualidades para um mediador: é próximo do Ocidente (a Turquia é membro da Otan) e da Rússia (pela identificação ideológica e perfil autoritário).

Um segundo sinal: o local, também simbólico. As negociações, que ocorriam na fronteira com Belarus ou no interior turco, agora foram transferidas para Istambul, disputada cidade milenar, por séculos (chamada de Constantinopla) capital do Império Bizantino e, depois, do Império Otomano, por sua posição geográfica, entreposto entre Oriente e Ocidente. As conversas ocorreram no Palácio de Dolmabahçe, a última residência no Bósforo dos sultões e última sede do Império Otomano. Seria um palco perfeito para um anúncio de paz.

Outro sinal foi a retomada dos encontros presenciais, depois de duas semanas da frieza das videoconferências.

Mas a maior evidência de que há avanços vem das promessas: a Rússia anunciou que irá reduzir drasticamente a atividade militar em torno de Kiev e Chernihiv. No final de semana, o governo Vladimir Putin anunciou o fim da primeira etapa da guerra. A redução é um sinal de boa vontade a ser mostrado na mesa de negociações em Istambul “com o objetivo de aumentar a confiança mútua e criar condições necessárias para futuras negociações”, conforme

o Kremlin. Entretanto, desde o final de semana, já havia indicativo de que a Rússia pretende, a partir de agora, focar no seu real interesse, a região do Donbass, onde estão as repúblicas separatistas de Donetsk e Luhansk. Há quem diga que atacar outras regiões do país, inclusive a capital ucraniana, Kiev, tenha sido cortina de fumaça de Putin para desviar a atenção do que realmente lhe interessa – as áreas do Leste. O presidente mentiu quando, desde novembro, prometia não invadir a Ucrânia. Há o que a Rússia diz, e o que a Rússia faz. Por isso, o ceticismo do Ocidente.

Mas voltemos ao otimismo: o presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, já admite que o país não irá integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) – motivo alegado pelo Kremlin para a invasão. Mas não descarta a União Europeia. Nos últimos dias, tem afirmado que aceitaria a neutralidade – algo parecido com os modelos de Austria e Suécia, que não são membros da Otan e que têm baixo orçamento militar. O que não fica claro, por enquanto, é o que seriam as garantias de segurança que a Ucrânia deseja, mas pode-se intuir algo semelhante ao que a Otan tem com outros países não membros, na forma de “aliado extra-Otan”, status que o Brasil obteve a partir da decisão de Donald Trump, em 2019. Ou a possibilidade de Israel, Polónia, Canadá e Turquia garantirem a segurança ucraniana.

Outra dúvida são as questões territoriais: ucranianos aceitam discutir em 15 anos o status da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014. O Kremlin queria o reconhecimento imediato como território russo. Sobre o Donbass, Zelensky já sinalizou que admite dialogar, mas afirmou que a autonomia da região teria de ser aprovada em referendo pela população.

Um cessar-fogo não é o mesmo que um acordo de paz. Mas será, ao menos, a melhor notícia de 2022 até agora.

GZH
Leia outras
colunas em
gzh.com.br/
rodrigo.lopes

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Rússia x Ucrânia **Página:** 16